

IDENTIDADE E ALTERIDADE EM HERÓDOTO: VISÃO DE UM GREGO A RESPEITO DOS EGÍPCIOS

Arthur Rodrigues Fabrício¹
Liliane Tereza Pessoa Cunha²

RESUMO: Considerando os avanços dos estudos acerca da etnicidade, alteridade e identidade no campo da História Antiga, o referido artigo se propõe a compreender as relações entre gregos e os “outros”, tomando como referência os três primeiros livros das *Histórias* de Heródoto. A análise do livro I *Clio* permite a identificação dos aspectos relevantes à compreensão do livro II e III, indicando qual o sentido de História, além da descrição dos outros povos. Com o intuito de registrar os grandes feitos de gregos e bárbaros, Heródoto apresenta a sua narrativa sobre os outros, tentando se “distanciar” da sua condição de grego, para mostrar as visões existentes sobre um determinado povo. Nos livros II e III – *Euterpe* e *Tália* – pretende-se observar como um grego descreve os egípcios, baseando-se no método de análise do discurso aplicado pelo historiador François Hartog, em sua obra *O Espelho de Heródoto*. Pretende-se, por fim, fazer uma crítica à fonte e identificar aspectos relevantes que podem ser entendidos sobre aquela civilização.

Palavras-chave: Heródoto; Identidade; Alteridade; Egípcios.

ABSTRACT: Considering the advances of studies on ethnicity, identity and alterity in the field of Ancient History, this article aims to understand the relationship between Greeks and the “others”, taking by reference the first three books of the *Histories* of Herodotus. The analysis of Book I *Clio* allows the identification of relevant aspects to the understanding of Book II and III, indicating what is the sense of history, beyond the description of other people. In order to record the great deeds of Greeks and barbarians, Herodotus presents his narrative of the other, trying to distance “himself” from his condition of Greek, to show the existing views about a particular people. In Books II and III - *Euterpe* and *Thalia* – one want to observe how a Greek describes the Egyptians, based on the method of discourse analysis applied by the historian François Hartog, in his work *The Mirror of Herodotus*. It is intended, ultimately, to do a critic to the source and identify relevant aspects which can be understood about that civilization.

Key-words: Herodotus; Identity; Alterity; Egyptians.

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga.

² Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro do MAAT – Núcleo de Estudo de História Antiga.

1. Introdução

O referido artigo apresenta-se como uma conclusão do projeto de Iniciação Científica intitulado *Identidade e Alteridade em Heródoto: gregos e egípcios*, desenvolvido, no ano de 2011, sob orientação da professora doutora Marcia Severina Vasques, professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ao longo de todo o ano que passou, leituras de cunho teórico relativas aos conceitos de Identidade, Alteridade e Etnicidade foram realizadas para que, posteriormente, houvesse a análise de uma fonte da Antiguidade - no caso específico do projeto desenvolvido, optou-se por trabalhar com as *Histórias*, de Heródoto.

O projeto foi importante para que os alunos de graduação pudessem ter contato com uma fonte histórica da Antiguidade e, assim, tomassem conhecimento das análises metodológicas que vem sendo aplicadas. Para tanto, o método de Análise do Discurso utilizado pelo historiador francês François Hartog, na obra *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro* (1999), foi fundamental pela sua utilização como referencial para a análise dos três primeiros livros – *Clio, Euterpe e Tália* - das *Histórias*.

Desse modo, o presente artigo tratará dos resultados de tal pesquisa, sendo iniciado com uma discussão mais teórica a respeito dos conceitos de Identidade, Alteridade e Etnicidade, além de sua aplicação no mundo antigo, na qual serão utilizadas as produções de grandes pesquisadores na temática e, além disso, serão abordadas as discussões sobre as *Histórias*, do grego Heródoto, perpassando, inicialmente, pelo contexto histórico em que ele viveu. Em seguida, serão analisados, com base no referencial metodológico da Análise do Discurso desenvolvido por François Hartog, os três primeiros livros, tratando sobre a visão de um grego a respeito dos egípcios.

2. Os conceitos de Identidade, Alteridade e Etnicidade entre os gregos: uma discussão historiográfica

Para iniciar as discussões a respeito das *Histórias* do grego Heródoto, faz-se necessário perpassar por uma breve explicação dos conceitos de Identidade, Alteridade

e Etnicidade. Estes estudos vêm se destacando no campo da História Antiga, desde a década de 90, do século XX, ganhando maior evidência nas pesquisas relacionadas à civilização grega. Entre os grandes nomes que estudam tais concepções, este artigo focará principalmente nos estudos do historiador britânico Jonathan Hall e do historiador francês François Hartog.

Pois bem, conforme Hall (2001), no artigo “*Quem eram os gregos?*”, publicado na *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, o conceito de etnicidade - entre os gregos - estaria relacionado com a Genealogia Helênica que corresponde à visão interna que o grupo étnico tem de si e este último, por sua vez, seria definido pelas diferenças que os membros do próprio grupo consideram significantes. Nesse sentido, Hall discorre sobre a formação de uma identidade grega desenvolvida em detrimento de outros grupos, considerados opostos a eles, o que denominariam de bárbaros e, nessa perspectiva, o autor trabalhará com o conceito de alteridade.

Questionando-se sobre quem eram os gregos, o historiador analisa os estudos de Sir John Linton Myres, da década de 30, quando o mesmo aponta uma passagem das *Histórias* de Heródoto - que seria o primeiro registro sobre o conceito de helenidade entre os gregos -, apresentando rumores de uma possível aliança entre gregos, mais precisamente os atenienses, e persas, no período equivalente entre a batalha de Salamina e Platéia, durante a guerra contra os persas. A fim de conter os ruídos de uma possível aliança, que causou um sentimento de insatisfação por parte dos lacedemônios e demais gregos, os atenienses negam o fato, justificando que procuravam vingança contra aqueles que destruíram os seus templos e estátuas e, além disso, tratava-se ainda de uma questão de helenidade, isto é, sangue comum, língua comum, lugares comuns de culto e de sacrifícios e costumes similares.

[...] responderam o seguinte aos representantes de Esparta: “Era certamente um sentimento humano o temor dos lacedemônios de que nos entendêssemos com o Bárbaro; parece porém vergonhoso que vós, bons conhecedores do pensamento dos atenienses, tenhais tido esse temor, pois não há em parte alguma tanto ouro nem qualquer território cuja grandeza supere tanto todos os outros por sua beleza e fertilidade a ponto de podermos aceitá-los sob a condição de nos aliarmos ao Persa e de escravizarmos a Hélade. Muitas e fortes razões nos impediram de fazê-lo, ainda que desejassemos. Primeiro e principalmente, o incêndio e a destruição dos ornamentos e das moradas dos deuses nos compelem a vingar-nos da maneira mais completa em vez de fazermos acordos com os autores desses

sacrilégios; em seguida, a unidade de todos os helenos pelo sangue e pela língua, e os templos dos deuses e os sacrifícios oferecidos em comum, e a semelhança de nossa maneira de viver, que não seria lícito aos atenienses trair. Ficais sabendo agora, se não sabieis antes, que enquanto existir um ateniense vivo não faremos acordo algum com Xerxes. [...]” (HERÓDOTO, *História*, 8, 144).

Myres questionava a homogeneização grega de forma clara, construída por Heródoto nas suas *Histórias*. Para ele, essa visão não fora contestada outrora pelos estudos da Antropologia que consideravam coerentes os testes e fontes propostas por Heródoto. Myres afirma ainda que diferente do que os classicistas apontam, os gregos correspondem a uma população heterogênea, um povo misturado com várias origens. Para isso, utiliza os princípios da craniometria - estudo do polo cefálico através de suas medições, bem como análise de suas características para definição de uma etnia - que atualmente não são mais tão aceitos, ao analisar a paisagem grega de modo recortado em pequenas e fragmentadas planícies costeiras. Os achados presentes nesse recorte territorial permite-o identificar uma heterogeneidade entre os gregos, apontando dois povos que possibilitaram sua formação: os cabeças alongadas e alpinos armenoides.

Para o historiador francês François Hartog (2004), essa definição de uma possível identidade grega só ocorre mediante a ameaça persa. Ele acredita ainda que, em algum momento, a distinção entre gregos e todos os outros, bárbaros, não existia. Tucídides, por exemplo, observa que nos poemas homéricos não há menção sobre os bárbaros, haja vista que a união entre gregos, em oposição à figura do bárbaro, inexistia. Um termo que pode ser encontrado nos poemas homéricos e que se aproxima a palavra *barbáro* seria *barbarofono*, fazendo menção as diferentes pronúncias dos cários. Para Hartog, aqueles que viriam a ser gregos possuíam ligação com os bárbaros, o que inclui os atenienses, que pertenciam aos pelasgos, passando por um processo de adaptação, com o aprendizado de uma nova língua, o que o historiador François Hartog denomina de grecidade. Sobre essa última, ela poderia ser adquirida, não indicando um processo restrito, pelo menos inicialmente, quando os costumes estavam em processo de definição. Hartog atribui a “plasticidade cultural” dos gregos, como a principal responsável pelo processo de interação grega com os demais povos, indicando uma convivência harmônica, pelo menos inicialmente.

Do mesmo modo que Hartog, Hall afirma que os estudos mais recentes indicam que o sentimento de helenidade surge apenas após a invasão persa e a sua derrota, entre

os anos de 480-479. De acordo com o ponto de vista do autor, pelo menos duas gerações antes da invasão persa, alguns gregos buscavam uma unidade comum e, após a invasão, houve uma mudança em como os gregos se viam. Em virtude da incursão persa e do avanço da democracia, os gregos atribuem uma visão negativa ao Oriente “bárbaro”, que antes (século VII e VI a.C.) era visto como um objeto de admiração pelo seu caráter exótico, seja pelos gregos ou pela elite grega.

A palavra “bárbaro” passaria a indicar não só os persas, mas todos os não-gregos, criando um estereótipo da figura do bárbaro, como também indica Hartog. A partir daí, os gregos passam a se definir e se preocupar mais com a sua identidade. No teatro grego, como afirma a historiadora Cibele Aldrovandi (2009), os bárbaros seriam representados como cruéis, covardes e afeminados. “Se a identidade grega foi construída de forma agregativa por meio das similaridades entre grupos de pares, ela era agora definida em termos das diferenças percebidas e em oposição a grupos externos de bárbaros.” (HALL, 2001, p. 220). Assim, foi permitida a inclusão de grupos que, anteriormente, ficavam à margem da denominação helênica - como os arcádios e os etólios - e os produtos orientais, antes admirados por serem exóticos, passariam por um processo de helenização.

A figura estereotipada do bárbaro seria representada pelo grande rei Xerxes e o território bárbaro seria, predominantemente, asiático. Em outro momento, há uma tentativa de legitimar que a democracia grega é viável e a monarquia algo barbarizado. Heródoto, por exemplo, aponta que Atenas só se destaca a partir do momento em que substituiu a tirania pela democracia. Isto é, a democracia é justa e a tirania e a monarquia são formas ilegítimas e incorretas de governar. Outro aspecto que indica a superioridade grega corresponde à teoria climática geográfica: o norte grego, quente, seria desenvolvido, enquanto que o sul, frio, é representado como estagnado, ou seja, bárbaro.

“Os gregos – a começar pelos atenienses – tornaram-se plenamente gregos, enquanto os bárbaros permaneceram bárbaros.” (HARTOG, 2004, p.95). Com a formação de uma identidade grega, os gregos se desenvolveram, enquanto que os bárbaros continuaram bárbaros, sendo o seu principal representante, os persas. Segundo o paradigma Lévi-Straussiano das “sociedades quentes” e das “sociedades frias”, o

bárbaro poderia crescer, tornando-se um grego, ou permanecer em sua situação bárbara, respectivamente.

O sentimento grego – heleno -, para Hartog, está relacionado à formação e definição dos traços culturais que ligariam todos os gregos em oposição aos bárbaros. Conforme aponta os sociólogos franceses Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998), este processo corresponde ao que convém chamar de dicotomização Nós/Eles, haja vista que

as identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade, e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos Nós/Eles. Ela não pode ser concebida senão na fronteira do ‘Nós’, em contato ou confrontação, ou por contraste com ‘Eles’. (Poutignat; Streiff-Fenart, 1998, p.152-153).

Para Jonathan Hall, a etnicidade de um grupo étnico estaria associada à habilidade de dividir o mundo entre Nós e Eles, o que denomina como categorização. Essa concepção assemelha-se a ideia apresentada no parágrafo anterior.³ Para isso, a denominação *helenos* e *helas* podem ser interpretadas como marcadores étnicos, na qual *helenos* indicaria todos os gregos e *helas* o território grego, o que contribuiria para a formação da etnicidade do grupo étnico. Conforme indica Poutignat, com base nos estudos do antropólogo Fredrik Barth, os grupos étnicos, bem como sua persistência no tempo, seriam definidos pela manutenção das fronteiras, resultando ainda na definição dos traços que definiria a identidade do grupo em oposição aos demais. “Estabelecer sua distintividade significa, para um grupo étnico, definir um princípio de fechamento e erigir e manter uma fronteira entre ele e os outros a partir de um número limitado de traços culturais.” (Poutignat; Streiff-Fenart, 1998, p.152-153).

Cibele Aldrovandi (2009), fundamentando-se no historiador David Konstan, afirma que os elementos comuns da vida social, que gera uma essência comum, serão decisivos na formação da identidade grega e as alterações do contexto social como, por exemplo, a invasão persa, são as propiciadoras da formação de uma identidade imaginada entre os gregos. Ela afirma ainda, baseada em Konstan, que o processo de formação de identidade tem seu ápice na destruição do exército persa e os gregos seriam

³ A ideia sugerida neste parágrafo, que fora apresentada outrora é o processo de dicotomização Nós/Eles, desenvolvida pelos sociólogos franceses Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, na obra *Teorias da Etnicidade*, 1998.

todos aqueles possuidores de uma cultura comum. Conforme Hall, as populações independentes procurariam modos de estreitar os laços, buscando uma espécie de parentesco fictício⁴, a partir da criação de um sentimento de pertencimento desencadeado por razões diversas. No caso específico, seria a ameaça externa: persa. Desse modo, a identidade helênica foi construída de forma agregativa, por meio da percepção de similaridades com grupos de pares, baseando-se em traços culturais comuns.

Então, considerando que as fronteiras são permeáveis e mais ou menos fluídas, como indica o antropólogo Fredrik Barth, e que as elas são construídas com a definição da identidade de um grupo étnico a partir do contato com o outro (alteridade), pretende-se em seguida realizar uma breve abordagem do contexto vivenciado pelo grego Heródoto que perpassou as fronteiras do mundo grego, haja vista que “os mecanismos institucionais de controle da fronteira nunca chegam a impedir que um determinado número de indivíduos a transponha” (Poutignat; Streiff-Fenart, 1998, p.155), conhecendo outras civilizações e registrando seus respectivos costumes nas suas *Histórias*.

3. O grego Heródoto: uma breve análise do seu contexto

Heródoto, nascido em Halicarnasso, teria vivido entre 480 e 420 a.C aproximadamente, em uma área de colonização grega, localizada na Ásia Menor, e presenciando as duas principais guerras envolvendo os gregos: as Guerras Médicas, entre gregos e persas e a Guerra do Peloponeso, conflito entre Atenas e Esparta. Conforme a historiadora Cynthia Morais (2004), Heródoto construiu sua obra com base em suas viagens por outras civilizações. Ele teria percorrido “O Oriente Médio, Mar Negro, Grécia e Itália do sul, região da Magna Grécia, tornando-se cidadão de Túrio, cidade fundada por atenienses.” (MORAIS, 2004, p. 15). Acredita-se que Heródoto escreveu suas *Histórias* em meados de 446/445 ou 445/444 a.C. e, embora tenha sido muito criticado entre os antigos, sendo acusado de “pai da mentira” por Tucídides,

⁴ Este termo é utilizado por Poutignat e Streiff-Fenart para explicar a abordagem da etnicidade baseada em um parentesco fictício, em que um grupo étnico com base na necessidade, em contexto de guerra ou por questões políticas desenvolve um sentimento de pertencimento, incluindo vários povos e possibilitando a formação de uma identidade.

recuperou seu prestígio a partir da segunda metade do século XX, ganhando novas interpretações, sob as lentes da antropologia cultural.

De acordo com François Hartog, um dos grandes nomes que passam a analisar as *Histórias* com outros olhos, Heródoto se enquadraria na ideia de *theoría*, ou seja, viajar para ver, o que definiria os homens sábios. Nesse sentido, há uma aproximação com a etnografia e a antropologia, uma vez que o autor realiza as suas viagens e, a partir daí, constrói a sua narrativa. Seria pertinente também enquadrá-lo nos aspectos da filosofia, haja vista que o filósofo quer conhecer e aprender sobre o mundo: “ele sabe que se aprende vendo, pois compreende o que vê e sabe dar-lhe razão.” (HARTOG, 2004, p. 105). Então, a *sophía* (sabedoria) relaciona-se diretamente com a *pláne* (viagens).

Para Hall (2001), as *Histórias* de Heródoto corresponderiam a uma reflexão acerca da identidade grega e sua definição estaria relacionada à descendência, língua, religião e costumes; o que, na opinião de Hall, ainda equivale à definição mais aceita de helenidade. No entanto, o historiador britânico afirma que essa definição seria uma tentativa de Heródoto transmitir uma visão específica, com base em seus interesses. Assim sendo, os traços que definiriam a helenidade não seriam suficientes para definição da identidade grega no século V a.C., visto que os gregos não possuíam uma língua comum. A religião se diferenciava em cada localidade, gerando, na maioria das vezes, mais atrito do que união e os costumes comuns entre os gregos serão construídos por Heródoto, em grande medida, em oposição aos costumes bárbaros (persas e citas). Portanto, para Hall, Heródoto não daria importância semelhante a tais aspectos, desconsiderando, ainda, a questão do parentesco, prova de que o aspecto cultural predominaria em sua obra, como meio de fortalecer em alguns casos, as fronteiras entre gregos e bárbaros.

Hall (2002) desenvolve ainda dois tipos de categorização: o princípio digital e o princípio analógico. O primeiro faz menção a todos os estrangeiros como iguais, sem ambiguidades. Já o segundo faz referência a um critério de inclusão e de exclusão. Em alguns momentos, os estrangeiros são compreendidos quase que, como completamente, iguais a um grupo e, em outros, como completamente distintos a este grupo. As *Histórias* de Heródoto, segundo Hall, podem ser descritas com base no princípio analógico, pois não há uma descrição incisivamente pejorativa dos costumes bárbaros.

“Alguns são até dignos de elogio, ou mesmo comparações, ao descrever elementos em comum com os egípcios. (...) Mais tarde Plutarco chamou Heródoto de filobárbaros – ‘amante dos estrangeiros’ –, devido a sua tolerância diante dos costumes estrangeiros” (ALDROVANDI, 2010, p. 25). Nesse sentido, pretende-se agora analisar como um grego, Heródoto, que transpôs as fronteiras, descreve o seu contato com os “outros” (egípcios), ao longo dos três primeiros livros – *Clio, Euterpe e Tália* - de suas *Histórias*.

4. As *Histórias* de Heródoto com base nas ferramentas metodológicas do historiador francês François Hartog

Neste tópico, pretende-se analisar as *Histórias* de Heródoto, com base nas ferramentas metodológicas (tradução, descrição, comparação, analogia, *thôma*, diferença e inversão), propostas pelo historiador francês François Hartog, na obra *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro* (1999). Para tanto, faz-se necessário delinear como a obra de Heródoto está organizada e fazer uma breve explicação dos três primeiros livros que permearão tal discussão. Pois bem, as *Histórias* foram produzidas a partir dos registros de viagem de Heródoto e acredita-se que tenham sido escritas por volta de 446/445 ou 445/444 a.C. A obra está dividida em nove livros, os quais recebem o nome das nove musas - *Clio, Euterpe, Tália, Melpomene, Terpsícore, Erato, Polímnia, Urânia, Calíope* - dando uma ideia de que ela estava relacionada com o prazer e a ficção, conforme afirma Hartog.

O livro I relaciona-se às discussões iniciais de como lidar com um documento escrito, possibilitando a compreensão do sentido de História que o autor se propõe a realizar, bem como as fontes utilizadas para o desenvolvimento de suas *Histórias*. Nesse livro, Heródoto registra a sua intenção ao escrever e define o seu método de trabalho: com o intuito de servir de guia aos homens do futuro, bem como registrar os grandes feitos de gregos e bárbaros, isto é, todos aqueles que não são considerados gregos. Heródoto apresenta a sua narrativa sobre os outros tentando se “distanciar” da sua condição de grego e, embora aponte a sua versão dos fatos ou o seu ponto de vista sobre determinados aspectos, o autor procura mostrar, ainda, as várias visões existentes sobre um determinado povo.

O autor procurar mostrar, ainda, que sua produção faz parte de um trabalho investigatório de viagens ou diálogos com os habitantes das regiões que iam sendo visitadas. Para o historiador francês François Hartog (2004) o intuito de Heródoto ao escrever os seus relatos de viagens seria impedir que as grandes realizações das civilizações não fossem esquecidas com o tempo, preservando assim as memórias destas. Então, pode-se afirmar que as *Histórias* de Heródoto inauguram essa perspectiva de investigação, considerando ainda o contexto em que o autor se enquadra, em que a noção de “viajar para ver” corresponde às fontes utilizadas pelo grego para escrever a sua obra.

Considerando toda a análise correspondente ao livro I “*Clio*” procura-se, em seguida, analisar os livros II e III – *Euterpe* e *Tália* – pretendendo compreender como essas relações de alteridade e identidade estão permeadas na obra, uma vez que Heródoto constrói sua narrativa com base na civilização egípcia. Então busca-se observar como um grego, mesmo tentando se distanciar da sua condição para observar os outros, descreve os costumes de um povo bárbaro (egípcios), se inserindo na proposta da formação de uma identidade grega em oposição à figura do bárbaro, indicando um processo de alteridade.

É importante ressaltar que, embora Heródoto tente mostrar certas estranhezas entre os egípcios, em muitos momentos ele os descreve com deslumbre, procurando mostrar a grandiosidade de suas construções, por exemplo. Para isso, como citado anteriormente, utilizou-se as ferramentas metodológicas empregadas por François Hartog, em sua obra *O Espelho de Heródoto*. O historiador utiliza, então, as noções de tradução, descrição, comparação, analogia, *thôma*, diferença e inversão para analisar os citas e getas presentes nas *Histórias* de Heródoto. No caso específico, tais ferramentas metodológicas irão auxiliar nas discussões sobre os egípcios.

Assim, mostrar a visão do outro torna-se mais interessante quando há uma atuação de ambos no mesmo sistema. As diferenças passam a ser significativas quando são comparadas à linguagem e a escrita. Neste contexto, o historiador François Hartog busca uma análise das narrativas que envolvem a alteridade, características encontradas principalmente nos relatos de viagens. O narrador pertencente a um grupo, analisará o outro tendo como base os seus signos, ou seja, os seus costumes. “Há o mundo em que se conta e o mundo que se conta” (HARTOG, 1999, p. 229).

Para descrever o outro, a inversão e a diferença foram umas das ferramentas empregadas. Os costumes gregos, por exemplo, seriam o “inverso” dos costumes bárbaros. “Não há mais ‘a’ e ‘b’, mas simplesmente ‘a’ e o inverso de ‘a’.” (HARTOG, 1999, p. 230). Essa ferramenta utiliza um referencial, seja de clima, cultura ou localidade para analisar o outro, como pode ser observado segundo as palavras de Heródoto.

Da mesma forma que o Egito tem um clima peculiar e seu rio é diferente por sua natureza de todos os outros rios, todos os costumes e instituições são geralmente diferentes dos costumes e instituições dos outros homens. Entre os egípcios as mulheres compram e vendem, enquanto os homens ficam em casa e tecem. Em toda parte se tece levando a trama de baixo para cima, mas os egípcios a levam de cima para baixo. Os homens carregam os fardos em suas cabeças, mas as mulheres carregam em seus ombros. As mulheres urinam em pé, e os homens acorados. Eles satisfazem as suas necessidades naturais dentro de casa, mas comem do lado de fora, nas ruas, alegando que as necessidades vergonhosas do corpo devem ser satisfeitas secretamente, enquanto as não vergonhosas devem ser satisfeitas abertamente. Nenhuma mulher é consagrada ao serviço de qualquer divindade, seja esta masculina ou feminina; os homens são sacerdotes de todas as divindades. Os filhos não são compelidos contra a sua vontade a sustentar seus pais, mas as filhas devem fazê-lo, mesmo sem querer. (HERÓDOTO, *História*, 2, 35).

Heródoto continua ainda a utilizar o mecanismo da inversão e da diferença, afirmando que

Eles preparam as massas de que se alimentam com os pés, mas amassam a argila com as mãos. Os egípcios e os outros povos que aprenderam o costume com eles são os únicos a praticarem a circuncisão. Todos os homens usam duas peças de roupa, mas as mulheres usam apenas uma. [...] Eles usam dois tipos de escrita, uma das quais chamam sagrada e a outra demótica. (HERÓDOTO, *História*, 2, 36).

“A inversão é uma ficção que faz ‘ver’ e que faz compreender: trata-se de uma das figuras que concorrem para a elaboração de uma representação do mundo.” (HARTOG, 1999, p. 231). As *Histórias* de Heródoto exemplificam essa ferramenta considerando o caso do Egito, no qual os homens fazem o trabalho que, normalmente, seria destinado às mulheres. Além do trabalho, os egípcios, segundo a narrativa de Heródoto, faziam exatamente o contrário das outras civilizações, como urinar sentado,

enquanto as mulheres urinavam de pé; amassar a massa que comem com os pés, enquanto a argila com as mãos. Desse modo, “o princípio da Inversão é, portanto, uma maneira de transcrever a alteridade, tornando-a fácil de aprender no mundo em que se conta (trata-se da mesma coisa, embora invertida).” (HARTOG, 1999, p. 231).

As narrativas de viagens se utilizam ainda do método comparativo e analógico, uma vez que analisa uma dada civilização, comparando com elementos de outra. Tentar comparar coisas opostas facilitaria a compreensão e, desse modo, a alteridade estará completamente aparente. Segundo Hartog, este método é característico do período arcaico e, inclusive, fora utilizado nos poemas homéricos, anteriormente a Heródoto. Quando é utilizado em narrativas de viagens, o método em questão identifica as diferenças e semelhanças entre os povos.

Os sacerdotes dos deuses em todos os outros lugares usam os cabelos longos: no Egito eles raspam a cabeça. Em todos os outros lugares, quando se trata de chorar pelos mortos os parentes mais próximos raspam as cabeças; os egípcios as têm raspadas em outras ocasiões, mas depois de uma morte deixam crescer seus cabelos e sua barba. Entre todos os outros povos os homens vivem separados dos animais; no Egito, eles mantêm seus animais consigo dentro de suas casas. Os outros povos se alimentam de trigo e cevada; para os egípcios, a maior humilhação é usar esses grãos; eles preparam seus alimentos com um grão rústico chamado espelta, que outras pessoas chamam de *zeia*. (...) As argolas e as cordas das velas são presas em todos os outros lugares na parte externa das embarcações, mas no Egito são presas na parte interna. Os helenos escrevem e calculam movendo a mão da esquerda para direita; os egípcios a movem da direita para a esquerda, e embora façam assim dizem que o fazem movendo a mão para a direita, enquanto os helenos a movem para a esquerda. (HERÓDOTO, *História*, 2, 36).

No trecho específico, Heródoto faz inúmeras associações entre os egípcios e os outros povos. Uma dessas associações refere-se ao comportamento dos sacerdotes egípcios que diferentemente de todas as outras civilizações, tinham os cabelos raspados normalmente e com a morte de algum familiar deixariam os cabelos crescerem. O mecanismo de comparação é utilizado, ainda, quando Heródoto, propositalmente, mostra que os egípcios escrevem e calculam de modo diferente dos helenos, da direita para a esquerda e quando questionados, afirmam que são os helenos que escrevem de modo contrário. “As comparações permitem que se estenda o conhecimento por etapas, avançando-se do próximo ao próximo.” (HARTOG, 1999, p. 241). A narração é vista

como transposição quando os mundos não são equivalentes, por isso há a tentativa de comparar coisas opostas para facilitar a compreensão. “Essa forma de comparação, [...] opera por aproximação e transferência”. (HARTOG, 1999, p. 242). “Dito de outro modo, a comparação, tomando emprestada a fórmula da analogia, faz-se, se posso dizer, visão analógica.” (HARTOG, 1999, p. 244).

Outro aspecto relevante ao analisar as narrativas de viagens e que as *Histórias* estão sempre recorrendo, refere-se à busca pelo *thôma*, isto é, as associações quanto às maravilhas e curiosidade de cada civilização. O maravilhoso (*thôma*) terá então um importante papel no tocante à alteridade, visto que por meio das descrições das curiosidades e das maravilhas de um povo, há um interesse em saber como é o outro e como ele se comporta. Nesse sentido, conforme Hartog, desconsiderar o *thôma* significa a ruína de uma obra. Segundo a historiadora Cynthia Morais, o livro II de Heródoto tem como base descrever as maravilhas do Egito. “Vou alongar-me em minhas observações a respeito do Egito, pois em parte alguma há tantas maravilhas como lá, e em todas as terras restantes não há tantas obras de inexprimível grandeza para ser vistas; por isso falarei mais sobre ele.” (HERÓDOTO, *História*, 2, 35).

Considerando a narrativa etnográfica realizada por Heródoto, o *thôma* não seria uma invenção e sim um artifício utilizado. Essa concepção de maravilhoso também pode ser associada ao papel da inversão, na medida em que há uma descrição de algum aspecto curioso e a partir dele as diferenças entre povos começar a ser elencadas. Sobre a civilização egípcia, o *thôma* está presente em vários momentos da descrição de Heródoto, seja quando ele descreve a grandiosidade do rio Nilo, do lago Môiris, do Labirinto ou dos pórticos e templos. Do mesmo modo, o grego se comporta ao descrever o que ele chama de Labirinto e as pirâmides egípcias. Assim, o autor opta por mencionar e descrever detalhadamente o maravilhoso aos seus olhos, como podemos ver nas citações provenientes do livro II:

Com efeito, nenhum dos rios cujos aluviões criaram essas regiões merece comparação quanto à sua grandeza com qualquer das bocas do Nilo – e o Nilo tem cinco bocas. Há também outros rios, não tão grandes quanto o Nilo. (HERÓDOTO, *História*, 2, 10).

O Labirinto [...] eu mesmo o vi, mas ele é grandioso demais para ser descrito com palavras; realmente, se todas as muralhas e construções feitas pelos helenos fossem reunidas num conjunto único, todo esse conjunto pareceria ter custado menos esforço e dinheiro que o

Labirinto, apesar de os templos em Éfesos e em Samos serem dignos de menção. Embora as pirâmides sejam grandiosas demais para permitir a sua descrição com palavras, e cada uma delas rivalize com muitos grandes monumentos construídos pelos helenos, o Labirinto sobrepõe até as pirâmides. (HERÓDOTO, *História*, 2, 148).

Esse Labirinto é assim, mas o lago chamado Môiris, perto do qual ele está situado, é ainda mais maravilhoso. Esse lago tem um perímetro de três mil e seiscentos estádios, ou sessenta escoinos, equivalente a toda a orla marítima do Egito. [...] O próprio aspecto do lago evidencia que ele foi feito pela mão do homem mediante escavação, pois quase em seu centro há duas pirâmides [...] A água desse lago não vem de fontes, pois a região é extremamente carente de água; ela é levada até lá por um canal do Nilo; durante seis meses ela flui para o lago e durante seis meses flui de volta ao Nilo. Nos seis meses em que ela flui do lago a pesca proporciona uma receita diária de um talento de prata ao tesouro real, e de vinte minas diárias quando flui para o lago. (HERÓDOTO, *História*, 2, 149).

Âmasis mandou construir um maravilhoso pórtico para o templo de Atena em Sais, sobrepunhando assim os pórticos de seus predecessores em altura e grandiosidade, bem como no tamanho e no esplendor dos blocos de pedra; além disso, ele mandou erigir imagens colossais e grandes esfinges com cabeças de homem, e mandou ainda trazer enormes blocos de pedra para o edifício. (HERÓDOTO, *História*, 2, 175).

Âmasis mandou também construir o grandioso templo de Ísis em Mênfis, mais digno de ser visto que qualquer outro. (HERÓDOTO, *História*, 2, 176).

De acordo com Hartog, “uma retórica da alteridade é, no fundo, uma operação de tradução.” (HARTOG, 1999, p. 251). Esta retórica de alteridade significa tentar aproximar o outro do grego, visando perceber as diferenças. Seria traduzir para a sua linguagem, a linguagem do outro. A tradução pode ser iniciada com a denominação de uma divindade, por exemplo, em grego e, posteriormente, em outras línguas. Ou pode ser aplicada “no sentido especializado de *tradução* (parte-se do nome em língua bárbara, dando-se em seguida o nome em grego).” (HARTOG, 1999, p. 255). No caso das *Histórias*, Heródoto busca traduzir os deuses egípcios aos seus correspondentes gregos, mas isso não significa que as *Histórias* sejam uma tradução no sentido literal, de transcrever de um dialeto para o outro, pois, ao que parece, Heródoto só falava grego. Os seus relatos seriam resultados do que ouvia de tradutores ou moradores das regiões que visitava que sabiam falar grego.

A classificação também possui a sua importância. Seriam as alternativas de

tradução de nome. Heródoto associa inúmeras vezes os deuses bárbaros àqueles gregos como, por exemplo, no caso específico de Dioniso tendo como correspondente o deus Osíris na descrição sobre o Egito e do deus grego Hefesto associado ao deus egípcio Ptah. “Dito de outro modo, classificando o outro, classifico-me a mim mesmo e tudo como se a tradução se fizesse sempre na esfera da *versão*, isto é, como se o panteão de referência fosse o panteão grego e como se o narrador procedesse de acordo com um sistema de presença-ausência.” (HARTOG, 1999, p. 259). Dessa forma, para Hartog a nomeação seria mais importante do que a tradução, isto é, uma dupla nomeação.

Cada egípcio sacrifica a Diônisos na noite se sua festa um leitão morto por ele diante da porta de sua casa, e o dá em seguida ao próprio porqueiro de quem o comprou, para que este o leve consigo. O resto da festa de Diônisos é organizado pelos egípcios praticamente à maneira dos helenos, exceto quanto às danças. (HERÓDOTO, *História*, 2, 48).

Essa imagem de Héfaistos se assemelha muito aos Patáicos dos fenícios, postos por eles na proa de suas trirremes. (HERÓDOTO, *História*, 3, 37).

Por fim, um último mecanismo metodológico, utilizado por Hartog, seria a descrição, um processo inerente às narrativas de viagem, na qual o papel do viajante e os seus relatos serão associados às práticas da etnografia. A partir daí, o viajante terá a função de propiciar aos demais povos tais conhecimentos. Este seria o “fazer ver”, que deve ser associado aos critérios para uma boa narrativa de viagens, já que a responsabilidade de ser o portador do conhecimento sobre outro está diretamente relacionado àquele que conta - o viajante - e, com isso, os indivíduos tomarão conhecimento das curiosidades do povo desconhecido. Essa estratégia relaciona-se a construção do saber.

O ideal de alteridade seria transmitido aos demais com a descrição das práticas consideradas desprezíveis por aqueles povos que estão escutando a descrição. No entanto, tais descrições devem ser apresentadas de forma neutra, com naturalidade, sendo mostradas de modo comum, como observado no trecho abaixo retirado do livro II, sobre os costumes fúnebres egípcios:

Seus costumes relativos ao luto e ritos fúnebres são os seguintes: quando a família perde um homem importante, todas as mulheres da

casa cobrem a cabeça e às vezes o próprio rosto de lodo; em seguida, deixando o cadáver em casa, elas correm pela cidade flagelando-se, com os seios à mostra e com as roupas presas na cintura com uma faixa; todas as mulheres ligadas ao morto por parentesco se juntam a elas, e além delas os homens, que também se flagelam e fazem o mesmo que as mulheres com suas roupas. Isso feito, o cadáver é levado para ser embalsamado. (HERÓDOTO, *História*, 2, 85).

Geralmente as narrativas são escritas no presente, o que não indica que estejam relacionadas ao presente atual. Elas atuam como táticas de narrativas à utilização do presente, pois, assim, a obra teria uma temporalidade caracterizada como indeterminada. A descrição é realizada com o intuito de que as pessoas compreendam a maneira que está sendo apresentada. É como se houvesse a utilização de ferramentas semelhantes à persuasão. Enfim, para Hartog, essa forma de descrição “neutra” transmitiria uma maior visão de alteridade, visto que os destinatários ficariam perplexos com o diferente. A descrição seria então algo intencional e diante da narrativa, descrições estranhas podem ser identificadas, definindo a identidade de um povo em oposição ao estranho e fortalecendo ainda as fronteiras. “Assim, essas descrições estranhas, embora sejam desprovidas de marcas de enunciação, deixam toda via espaço para enunciação, sob a forma de vestígios. Se não há olho no ponto focal, há de qualquer modo piscadelas, que podem ser percebidas pelo destinatário.” (HARTOG, 1999, p. 266).

5. Considerações finais

À guisa de conclusão, é pertinente apontar que conceituar Identidade, Alteridade e Etnicidade - entre os gregos - fora fundamental para o desenvolvimento da análise e aplicação das ferramentas metodológicas utilizadas pelo historiador francês François Hartog. Compreender ainda quem foi Heródoto e o contexto vivenciado por ele ao escrever suas *Histórias*, permite a realização da empatia no trabalho do historiador, ou seja, tentar perceber qual era o sentimento que vigorava na civilização grega, bem como a intenção de Heródoto, um grego, ao mostrar as estranhezas das outras civilizações na medida em que ele transpõe as fronteiras, passando a conviver com os outros. No caso específico desta análise, os egípcios.

Assim, ao longo do artigo foi analisada a existência dos processos de tradução, descrição, comparação, analogia, *thôma*, diferença e inversão nas *Histórias* de

Heródoto, como propõe Hartog, na obra *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro* (1999). É a partir do método de aproximação do outro que as diferenças são identificadas e assim exaltadas, definindo a identidade de um grupo. Este processo, por sua vez, desencadeia a alteridade entre grupos, haja vista que há uma diferenciação cultural, tornando um grupo superior ao outro, a partir do olhar de um grupo sobre o outro. Seja como for, muitos questionam sobre a veracidade dos registros de Heródoto ou sobre as fontes utilizadas por ele. Mas uma coisa é certa: Heródoto desejava servir como manual para que os homens do futuro tivessem conhecimento sobre os feitos de gregos e bárbaros e muitas das informações sobre as civilizações antigas só chegaram até os dias atuais graças as suas *Histórias*.

REFERÊNCIAS

- ALDROVANDI, Cibele E. V. *Etnicidade, helenicidade e alteridade: apontamentos sobre a visão do outro e de si mesmo no mundo antigo*. S.P., LABECA – MAE/USP, 2009.
- BRYAM, Robert; [et al]. Raça e Etnicidade. *Sociologia: sua bússola para um novo mundo*. São Paulo: Thomson Learning, 2006.
- BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Rio Grande do Sul: Editora UNISINOS, 2003.
- HALL, J. Quem eram os gregos? *Revista do Museu de Arqueologia e etnologia*, São Paulo, 11: 213-225, 2001.
- HALL, J. Identity and Alterity? The View from the Margins. *Hellenicity: between ethnicity and culture*. University of Chicago Press, 2002.
- HARTOG, F. Invenção do Bárbaro e o inventário do mundo. In: _____. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004, p. 93-122.
- HARTOG, F. *O espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- HERÔDOTOS. *História*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1988.
- MORAIS, Cynthia. *Maravilhas do Mundo Antigo: Heródoto, pai da História?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. Racismo, discriminação racial e ações afirmativas: a sociedade atual. In: GOMES, Nilma Limo; MUNANGA, Kabengele. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006 .

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.